

Con-Brasil Especialistas preveem recessão na economia para o próximo ano

por Cynthia Malta
de São Paulo

A economia brasileira no próximo ano deverá ser, inevitavelmente marcada pela recessão. Isso é consenso entre os principais economistas do País. Eles divergem com relação a que tipos de medidas devem ser tomadas para contornar a crise e, além disso, prevêem momentos diferentes para o início do processo recessivo.

Nesse cenário, o componente político, ou seja, o novo presidente da República, tem poucas chances de reverter o quadro de desaquecimento da economia num curto prazo. Essa capacidade limitada de atuação do novo governo deve-se, principalmente, à dificuldade de aglutinar forças de apoio político. O espaço restrito de manobra deverá levar a um conflito que poderá culminar com a antecipação do plebiscito de 1993, quando o País fará sua opção entre presidencialismo ou parlamentarismo.

As opiniões foram a tônica dos debates realizados ontem e segunda-feira passada no seminário "Os Anos 90: Retomada para a Modernização", organizado pela Sociedade Brasileira de Planejamento Empresarial.

Para o ex-ministro do Planejamento e presidente do Banco Mantrust SRL S.A., João Sayad, os primeiros seis meses do próximo ano deverão ser de "tranquilidade econômica". Esse período, segundo ele, corresponderia à "lua de mel política" entre o novo presidente e a população. Nesse primeiro semestre, o governo deverá tentar "derrubar a inflação" — medida básica para tentar resolver os demais pro-



João Sayad

blemas estruturais como dívida externa e déficit público.

"Não sou tão pessimista como alguns de meus colegas, mas concordo que depois de agosto a crise econômica deverá agravar-se", disse Sayad. Os colegas a que o ex-ministro do Planejamento se refere são o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, o vice-presidente do Banco Safra, Gilberto Dupas, e o economista Luciano Coutinho, que assessorou o candidato à Presidência, Ulysses Guimarães (PMDB). Esses acreditam que a recessão virá já no início do ano.

Pastore defende um "ajuste fiscal robusto", com aumento de tarifas públicas, redução do prazo de recolhimento dos impostos e aumento da alíquota de Imposto para Produtos Industrializados (IPI) para cigarros e bebidas. Dupas sugere que o presidente eleito faça um plano de ajuste "a quatro mãos" com o governo atual, antes de tomar posse. Luciano, por sua vez, prevê que a recessão dure "pelo menos uns dois anos".